



2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

Os operários do Povoado Central: as condições de trabalho e vida de operários do açúcar em Sergipe (1940-1968)

Gladson de Oliveira Santos (UFS)

Quando tratamos de indústria, frequentemente associamos este elemento à área urbana e esquece-se que a Indústria Moderna também utiliza a área rural para se desenvolver. A economia açucareira possui exemplos singulares de agroindústria e ao analisá-la, observamos que esta, progressivamente desenvolveu matrizes industriais tendo como ápice as Usinas de Açúcar. O presente trabalho objetiva o estudo das condições de trabalho e vida do operariado rural da economia açucareira, tomando como objeto de análise os operários do povoado Central, localizado no município de Riachuelo - SE, entre os anos de 1940 a 1968. Para isso, realizou-se análise bibliográfica sobre o processo de industrialização da economia açucareira, a partir de autores como: Eisenberg (1989), Almeida (1991), Lopes (1978) e Passos Subrinho (1987). Também foi realizada uma pesquisa de campo baseada em entrevistas semi-estruturadas, seguindo a técnica da História Oral, direcionada a 15 ex-operários rurais do Povoado Central. Com isso, pode-se verificar que a Usina promoveu uma drástica eliminação das relações sociais seculares próprias do meio rural. O povoado Central surgiu em torno da Usina Central e da Fábrica de Tecido Riachuelo, habitado por operários e funcionários que geralmente transitavam entre essas duas empresas, de mesmo proprietário. Dentro deste quadro não podemos falar em condições homogêneas no que se refere ao trabalho dos operários do povoado, pois além das tradicionais diferenças externas existentes entre o trabalho realizado em uma Usina de açúcar e em uma fábrica de tecido, temos as diferenciações internas intrínsecas a cada empresa. Com relação à jornada de trabalho,

encontramos variações: existiam categorias que trabalhavam 8 horas diárias e outras 12 horas. Os operários do setor de fabricação costumavam trabalhar 12 horas diárias em expedientes alternados semanalmente: um que iniciava ao meio-dia e terminava à meia-noite e outro que ia da meia noite ao meio dia. Dentro desta jornada, o operário ainda poderia dobrar de turno, caso fosse necessário, ou seja, trabalhando 24 horas ininterruptas. Ao analisar os depoimentos dos operários, nota-se que apesar de possuírem uma vida difícil, marcada pelo trabalho árduo que na maioria dos casos iniciava na infância, por longas jornadas de trabalho, condições de moradia insalubres, os trabalhadores afirmam gostar da vida que levavam. Isso, certamente, pode ser considerado um mérito para os administradores da Usina, pois conseguiram impor um eficiente sistema de exploração da força de trabalho sem revoltar na parte passiva do processo.